

HQ's E FANZINES COMO CONSTRUTORES EDUCACIONAIS-ARTÍSTICOS

Comics and Fanzines as educational-artistic constructs

Gazy Andraus

Recebido: 17/06/2022

Aprovado: 02/08/2022

Publicado:

DOI: 10.5965/10.5965/235809252612022e2318

RESUMO

Convidado a escrever à *Revista Profartes*, para auxiliar a um entendimento “para um projeto de conhecimento vivo, consistente e consequente com a contemporaneidade brasileira”, conforme me foi esclarecido, resolvi aceitar sabendo que poderia discorrer sobre minha experiência como artista e como venho refletindo a educação ao me utilizar da arte de minha área, especificamente, quadrinhos poéticos e fanzines artísticos, crendo que meu interesse possibilitaria um texto atinente à proposta da revista. Assim, decidi caminhar por um relato pessoal que, acredito, abarca uma revisão sucinta de meu passado como aluno escolar e permite um entendimento de onde cheguei e as razões que orientam minha didática e expressividades artísticas, também demonstradas neste texto. O referencial principal bibliográfico é de G. Andraus, E. Lydio dos Santos Neto e H. Magalhães.

Palavras-chave: HQs, Fanzines, Didática.

ABSTRACT

Invited to write to *Revista Profartes*, to assist an understanding "for a project of living knowledge, consistent and consequent with Brazilian contemporaneity", as it was explained to me, I decided to accept knowing that I could talk about my experience as an artist and how I have been reflecting on the education when using the art of my area, specifically, poetic comics and artistic fanzines, believing that my interest would allow a text related to the magazine's proposal. Thus, I decided to write through a personal narrative that, I believe, encompasses a brief review of my past as a school student and allows an understanding of where I arrived and the reasons that guide my didactics and artistic expressiveness, also demonstrated in this text. The main bibliographic reference is from G. Andraus, E. dos Santos Neto and H. Magalhães.

Keywords: creative practice as research, ephemeral art, theater at school.

HistóricoHQGazine

Desde tenra infância, meu interesse pelos desenhos, em especial pelos quadrinhos¹, então publicados em “gibis” no Brasil, veio especialmente a partir de meu início na alfabetização, aos 7 anos de idade. Lembro-me até hoje quando se deu um “clic” no meu processamento de leitura, quando eu conseguir ler uma placa de rua a partir de um trajeto de ônibus entre a cidade de São Vicente a Santos no litoral paulista. Recordo-me que ao bater os olhos na placa através da janela, pude ler rapidamente uma ou duas palavras que nela estavam inscritas. Até então, vagamente me lembro que minha leitura era meio lenta e ainda não “contínua”. Muitos anos depois, já adulto compartilhei esta experiência e outra pessoa me disse que passou por um aprendizado similar ao ter também seu “clic” que demarcou seu batismo na leitura fluida. Então confirmei que aquela memória não era uma ficção ou meia verdade!

Assim, parece-me que algumas pessoas se apercebem deste momento que lhes marca na memória. Possivelmente, outras acabem por não se lembrar disso, ou até mesmo que o processamento prático da leitura se dê diferentemente desta minha experiência compartilhada com o amigo a quem me confessou uma experiência similar.

Mas voltando aos gibis, antes dos 7 anos, minha mãe me adquiria revistas do Garibaldo e do Gugu, personagens do programa televisivo norte-americano que também era coproduzido no Brasil, o “Vila Sésamo”. Isto foi em 1972 e 1973, pois nasci em 1967 e em 1974 comecei a comprar um gibi semanalmente, após aprender a ler. Foi uma consciência via educação familiar: meus pais me explicaram que eu teria direito a uma revista a cada fim de semana, e não mais que uma, por contenção de gastos. Meu pai tinha uma mercearia. Eles vieram casados, do Líbano, em 1966, e eu nasci 3 meses depois, em Ituiutaba-MG, onde meu

1. “Quadrinhos”, HQs, são sinônimos para a denominação das histórias em quadrinhos, bem como Nona Arte. “Gibs” são as revistas que publicam as HQs.

Gazy Andraus

pai veio trabalhar com meu tio, seu irmão, mas logo depois, quando eu tinha 3 anos, mudamo-nos a São Vicente-SP, onde meu pai trabalhou com vendas de sacas de arroz com outro de seus irmãos. Por fim, aos meus 5 anos, fomos a Goiânia-GO e lá ele abriu um pequeno empório de alimentos. Foi quando comecei a ter as revistas de Vila Sésamo - que traziam recortes, colagens, passatempos e histórias nelas que provavelmente eram lidas para mim, pois eu ainda não sabia ler. Na mesma época, graças à TV preto e branco que tínhamos, eu cada vez mais me esbaldava em assistir seriados como *Zorro*, *Batman e Robin*.

Fig. 1: gibis da minha infância



Fonte: arquivo pessoal do autor

A seguir, aos meus 6,5 anos, voltamos ao litoral paulista, mas a Santos-SP. Foi então, deste período em diante, que se acirrou meu gosto pelos seriados, incluindo *Ultra-Seven*, *Ultramane* desenhos animados como *A Corrida Maluca* e outros. E iniciaram-se minhas idas às bancas, a partir de meus 7 anos, que se tornaram minhas vitrines coloridas dos gibis, que elencavam vários títulos mensalmente, como os da *Turma da Mônica*, de

Gazy Andraus

Walt Disney, Bolinha e Luluzinha, Mortadelo e Salaminho, A Corrida Maluca, Heróis da TV (da Hanna Barbera) etc² (fig.1)!

Apesar de minha tenra idade, meus pais me fizeram saber que eu podia comprar um gibi semanalmente (e dos não caros, ou seja, os que tinham até 68 páginas, com preços módicos àquela época). Eu não achava ruim. Ao contrário, a cada noite que antecedia minha compra, que poderia ser na sexta-feira ou sábado, eu imaginava, antes de dormir, quais capas estariam estampadas nas bancas, ou vislumbrava uma das que havia já visto ao ler o(s) gibi(s) lidos nas semanas anteriores (pois sempre relia os gibis, quando possível), num sentimento de euforia e alegria como jamais havia experimentado antes³!

Assim, quando nos mudamos novamente, e de volta à São Vicente, eu já estava com meus 8,5 anos, e comecei a me interessar pelos dinossauros, ao que iniciava a desenhá-los, dentro do bar e restaurante comercial que meu pai adquirira o ponto. Dali até meus 14 anos, passei a manter a assiduidade na aquisição de gibis, sendo que a partir dos 11 aos 13 anos, a temática foi progressivamente cambiando aos quadrinhos de super-heróis. Nos desenhos se deu algo similar: enquanto eu trabalhava como “garçon” no restaurante (ainda que desgostasse, obviamente por ser criança), em todos os momentos de “ócio”, enquanto não atendia os fregueses, eu fazia meus desenhos nesta ociosidade criativa (tal como viria a dizer tempos depois, Domenico De Masi, 2004), desenhando compulsivamente dinossauros, monstros, batalhas entre estes e super-heróis, até ampliar o foco, mais tarde, nos desenhos superheroísticos.

O que acontecia era que enquanto eu ia adquirindo as revistas de super-heróis cada vez mais progressivamente em diminuição às de humor infantil, eu desenvolvia minha preferência de estilos de desenhos elaborados por determinados artistas,

2. Esta fase foi muito importante ao meu desenvolvimento cultural, imagético, ético e de educação financeira, conforme também já escrevera sobre aqui em ANDRAUS (mai/jun.2013) - <https://marcadefantasia.com/revistas/ego/outras-edicoes/ric1-10/ric1/ric1.pdf>.

3. Conforme eu já havia relatado anteriormente neste outro meu texto que pode ser lido em ANDRAUS (15/11/2006) <https://www.ibacbr.com.br/?dir=artigos&pag=013&opc=0013>.

Gazy Andraus

sorvendo sua imagética, ao mesmo tempo em que registrava-a em minha mente e tentava emular o estilo mais apreciado (sem uma copiagem visual, mas mnemônica).

Pouco tenho visto no meio acadêmico como pesquisa que centra foco no prazer visual que os desenhos fornecem. Na música, embora eu não seja da área, há abrangências com relação às técnicas, mas também não conheço trabalhos⁴ que, por exemplo, estudem a recepção estética de quem ouve estilos sonoros, sejam de músicos clássicos (como a diferença de um Richard Wagner para um Bach ou Vivaldi), sejam do *rock*, em específico, por exemplo, nos timbres das guitarras de um Eddie Van Halen ou de Jimmy Hendrix.

O que muitas vezes me lembro é da vontade aguçada de desenhar após ler/ver/folhear algumas revistas em quadrinhos. Dou o exemplo da fase de *Batman* publicada em tamanho grande pela EBAL⁵, que trazia uma gama de histórias desenhadas por um autor chamado Jim Aparo. A cada vez que visualizava uma HQ⁶ deste artista e terminava de folhear a revista, punha-me a criar desenhos no seu estilo, e com avidez de ir desenhando a simular sua estética na arte, repercutidos em meus desenhos criados. Outro exemplo é Jim Starlin, que igualmente me influenciou em meu início a criar minhas HQs, na minha adolescência inicial (figs. 2 e 3). Isto é algo que não sei se era atinente à grande maioria dos jovens adolescentes, mas sei que a mim acometia-me tal vontade. Similar talvez, à vontade de tocar guitarra que um primo meu me anunciava, após escutar discos de *rock*, tentado recriar os sons ouvidos tocando trechos que apreciava, por exemplo, de músicas do grupo de *heavy metal*, como da banda inglesa *Judas Priest*.

4. Mas obviamente isto não impede que existam. Apenas desconheço por não ser da área musical e/ou da pesquisa nela.

5. A hoje extinta Editora Brasil-América Limitada foi uma das principais editoras que atuaram no país, publicando quadrinhos durante décadas, em especial os da DC Comics.

6. HQ significa História em Quadrinhos.

Gazy Andraus

Figs. 2 e 3: uma de minhas influências: a arte de Jim e Stralin (á esquerda) e minha arte calçada em seu estilo, aos meus 13 anos de idade (á direita)



Fontes: STARLIN, Jim. Capitão Marvel. Heróis da TV, n. 14, São Paulo: Abril, ago. 1980. (fig.2).

Não tenho como precisar tais semelhanças, pois um era pelo desenho (eu) e outro pelo som (meu primo), e igualmente não posso avaliar a vontade de meu primo, se era tamanha como a minha após “degustar” oticamente da arte desenhada dos quadrinhos, e querer principiar a desenhar euforicamente (no caso dele, seria “tocar euforicamente”).

E ainda naquela fase adolescente, lembro-me de ter tal vontade recrudescida sempre após ler um gibi (como disse, de um estilo apreciado) como aquela necessidade prazerosa de se ouvir músicas, ou determinada música em que o gosto é maior, repetidamente!

Talvez por isso, eu passei a associar a audição musical ao meu ato de desenhar, como fonte sonora que me trazia/traz sentimentos “nobres” a que os desenhos fossem sequencialmente bombásticos – ou algo assim!

Gazy Andraus

Mister se faz lembrar que todo meu percurso escolar foi abrangido pela minha fama de desenhar (e saber acerca de) dinossauros. Mas ao mesmo tempo, a escola me era terrível, como uma prisão em que eu não via a hora, diariamente, que pudesse sair dela, para poder exercer minha liberdade criativamente. Ao que concluo que o sistema escolar, ao menos a mim, foi opressor, limitante, tedioso e de péssima didática, em geral.

A(s) faculdade(s) artística(s)

Ao concluir a fase escolar integral, aos “trancos e barrancos”, ingressei no curso de Artes Visuais na UFG, em Goiânia-GO, e lá permaneci por uma no e meio, de 1986 a 1987. Mas devido às greves recorrentes, achei por bem retornar a São Paulo e então reingressei no curso de artes, mas em Licenciatura Plena em educação Artística pela FAAP, tendo sido bolsista durante quase todos os 5 anos de curso (e tendo desenvolvido minha técnica de desenho ao trabalhar, paralelamente, durante um período de 1,5 ano em um estúdio de publicidade, exercendo a atividade de *past up*⁷ e arte em geral).

As fases foram distintas: se em Goiânia tive muitos amigos e alguns próximos das temáticas que eu apreciava – desenhos de arte fantástica, HQs e monstros, em São Paulo houve mais maturação técnica nas abordagens didático-práticas promovidas pelos professores, em sua maioria reconhecidos artistas de renome.

Mas não deixei os quadrinhos, e acabei por aglutinar tal linguagem ao meu amadurecimento artístico, vindo a conhecer e a publicar minhas HQs iniciais em fanzines e dali, cada vez mais estudando os quadrinhos (e em paralelo, sua importância como arte, ainda que de certa maneira relegada por metade daquele professorado da faculdade de arte em que estudei).

Foi uma fase profícua, pois além de vários trabalhos artísticos integradores da linguagem quadrinhística, cocriei um fanzi-

7. Função depois extinta e trocada para o de um diagramador, pois o computador trouxe outra tecnologia de diagramação e montagem de jornais e revistas.

Gazy Andraus

ne⁸ de quadrinhos chamado Matrix que ganhou a premiação na I Bienal de Quadrinhos e noutra premiação, o HQMix.

Fig. 4: O fanzine “Matrix, de nº 1 e 2, contaram com minha colaboração na criação. E o zine “HQMente” nº1, que criei como anexo à minha tese de doutoramento.



Fontes: Acervo pessoal do autor.

E neste período, sem perceber, fui um dos pioneiros no desenvolvimento dos quadrinhos poéticos nacionais, que apreciava chamar de HQ fantástico-filosóficas!

A(s) pesquisa(s) aos quadrinhos e pós-graduações

Após minha formação como licenciado em artes, lecionei durante um ano e meio em escolas do litoral paulista, na disciplina de educação artística e desenho, mas fui me desgostando

8. Fanzine (ou zine) é uma revista independente não oficial. O termo foi um neologismo criado 10 anos depois do objeto, que surgiu em 1930 nos EUA como necessidade de fãs da literatura de ficção científica que queriam se corresponder e criar seus contos amadores. Um zine pode versar também de outros temas artísticos e reflexivos, como HQs, música, cinema, poesia, anarquia, política, minorias etc.

Gazy Andraus

da burocracia *engessante* dos programas de educação naquela época, abandonando a licenciatura escolar. A seguir, incentivado a adentrar no mestrado, a partir de 1992, conclui-o em 1996, explorando na pesquisa as HQs de conteúdo poético. Nesta época, minhas participações em fanzines e produção de HQs poéticas só cresceram, ao mesmo tempo em que aprendia a participar de seminários e congressos apresentando textos e artigos que defendiam a valorização dos quadrinhos. Isto, no Brasil, exponencialmente se ampliou muito naquele período com muitos autores que, como eu, adentravam no meio acadêmico e faziam valer a valorização do objeto das histórias em quadrinhos, cuja importância dentro da sociedade e da área acadêmica ainda necessitava de muita comprovação. Sem falsa modéstia, foi graças a esse engrossamento de novos pesquisadores, auxiliados pelos pioneiros que em sua maioria os orientavam, que o Brasil adentrou o século XXI com outra visão acerca dos quadrinhos, em todas as áreas de divulgação, mas especialmente ao meio acadêmico que pouco valor as tinha em conta!

Após o mestrado, iniciei um doutoramento na USP, desde 2002 a 2006 que coroou todo meu esforço, já que deslindei uma tese⁹ que explorava e valorizava as histórias em quadrinhos como informação imagética e que deveria (e poderia) ser utilizada também nas universidades!

Em paralelo, jamais parei de produzir a arte dos quadrinhos e as publicar nos fanzines que cada vez mais me eram caros, pois que os inseri como capítulos tanto no mestrado como no doutorado.

As HQs e os Fanzines

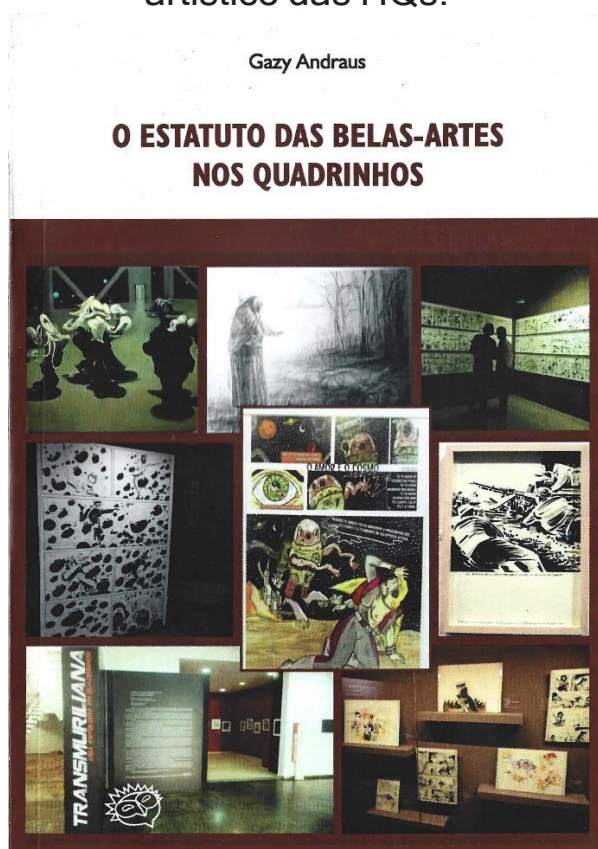
O cinema e a arte nas histórias em quadrinhos (HQs) já são atestadas mutuamente, mas nem sempre foi assim, como já afirmei aqui. Os quadrinhos foram perseguidos desde a década de

9. A tese foi, inclusive, premiada em 2007 como a melhor tese de 2006 acerca das Histórias em Quadrinhos, pelo Troféu HQMIX, evento anual que premia e valoriza os quadrinhos no Brasil.

Gazy Andraus

1950 como uma má influência aos jovens, tendo isto se modificado a partir de estudos de intelectuais desde a década de 1960 e 1970, na área de estudos culturais, como Umberto Eco, por exemplo. Daí, tanto o exterior como no Brasil, foi havendo um aumento gradual de pesquisadores que foram elevando o *status* das HQs conforme também já asseverei neste texto (fig. 5).

Fig. 5: Meu livro lançado em 2019 e que confirma o status artístico das HQs.



Fontes:

<https://marcadefantasia.com/livros/quiosque/oestatutodasbelasartes/oestatutodasbelasartes.html>

Porém, quero aqui discorrer rapidamente do potencial dos quadrinhos e fanzines, a que se verifique um pouco mais desta riqueza cultural.

Assim é que, resumidamente, as HQ são veículos de comunicação e expressão artísticas que unem imagem desenhada a (não obrigatoriamente) textos e os gibis são as revistas que publicam as HQ. Com relação aos fanzines, estes também

Gazy Andraus

servem para autores amadores de quadrinhos fazerem seus experimentos criativos.

Tanto as Histórias em Quadrinhos como os Fanzines (ou zines), bem como as artes em geral, auxiliam na educação completa do ser humano, pois não somente as informações racionais cartesianas dos livros didáticos são necessárias, pois juntas às imagens desenhadas tornam o ser humano mais inteligente e capaz de discernir e raciocinar, e igualmente de criar e se emocionar.

As HQs, per si

Em geral desconhecem-se as HQ que poderiam ser usadas para um melhor desenvolvimento ambi-hemisferial do cérebro humano, já que estudos atestaram que o hemisfério direito é o responsável pela criatividade e leitura de imagens, enquanto que é no esquerdo que a racionalidade codifica e interpreta linearmente as informações, sejam elas fonéticas ou imagéticas (ANDRAUS, 2006). A experiência que vim angariando no uso das HQ nas salas de aula escolares e universitárias como uma delas em que realizei anos pretéritos ao **PROVE - Programa de valorização ao Educador** (ANDRAUS, Nov.2012) vem me demonstrando que o uso dos quadrinhos (e dos fanzines) pode ser enriquecedor culturalmente como também torna o ensino menos reducionista cartesiano e mais afeito ao ensino sistêmico abrangente, que contempla uma criatividade lúdica no aprendizado sistematicamente inteligente.

Há todo um trabalho interdisciplinar e extremamente complexo envolvido no uso das HQ e dos fanzines, que também se apresentam numa linguagem própria, já que não são literatura, e sim uma expressão artístico-comunicacional de linguagem própria, tal qual o cinema, como asseveram muitos teóricos nacionais e estrangeiros da atualidade, como Ramos (2009) que defende a linguagem dos quadrinhos como hipergênero. Com tal classificação, nos cursos e palestras que venho ministrando durante décadas, advirto também que as HQ sendo um hipergê-

Gazy Andraus

nero, abarcam as tiras, os cartuns (desenhos cômicos), as charges (desenhos de humor políticos) e as caricaturas (desenhos exagerados para causar humor) e existem tanto para o público infantil, como juvenil e/ou adulto, e podem se distinguir entre quadrinhos comerciais ou autorais, como um trabalho artístico feito por um autor. Além disso, como no cinema e literatura, as HQ transitam por vários temas e gêneros, como o ficcional, ficcional-científico, de aventura, realista (documental), romântico, e até o filosófico. Lembro igualmente que as histórias em quadrinhos se apresentam em revistas, mas também em álbuns e em tiras.

Outro ponto que delinheio é a possibilidade de que passem a conhecer HQs (mas não só elas) que são publicadas alternativamente, em revistas independentes que também são chamadas de fanzines (fig. 6).

Fanzines, biograficzines e artezines

Termo do inglês que aglutina duas palavras: *fan* + *magazine*, sendo uma revista do fã, revista amadora. São, assim, revistas independentes e alternativas que podem ser manufaturadas pelos próprios autores quais possam ser amadores como estudantes, professores e de quaisquer outras profissões. Os fanzines (ou zines) são interdisciplinares e, embora não necessariamente sejam exclusividade para os quadrinhos – o que é melhor à área da educação, por exemplo, podem abrir brechas para outras disciplinas, como língua portuguesa que pode trabalhar poesias e contos com alunos, sendo úteis para publicar de forma amadora e independente as próprias HQ feitas por alunos estimulando-os mais ainda, e à troca dos próprios fanzines manufaturados, visto que no fanzinato não se objetiva lucratividade comercial.

Os zines se destinam, tais quais aos quadrinhos, a todas as idades, podendo também ser autobiográficos, como o conceito

Gazy Andraus

de *biograficzine*¹⁰, criado pelo educador Elydio dos Santos Neto (SANTOS NETO e ANDRAUS, 2010) que o empregava aos alunos de Mestrado em Pedagogia da Universidade Metodista de São Bernardo-SP com o intuito de aliar às reflexões acerca da educação, um pouco do fazer artístico. Seriam zines em que o tema principal é um histórico de vida pessoal, mas que nem por isso pode deixar de ser lúdico e criativo.

Fig. 6: Fanzines de diversas temáticas e formatos.



Fonte: arquivo pessoal do autor.

Por fim, têm despontado cada vez mais no Brasil (e no mundo) um subgênero do fanzine, que seriam os artzines¹¹: fanzines que são elaborados pelos autores como obras de arte. Eu mesmo, além de produzir alguns, já dediquei por duas vezes a disciplina de fanzines de arte¹² para o PPGACV da FAV-UFG

10. No exterior, equivalem são conhecidos tais zines como perszines.

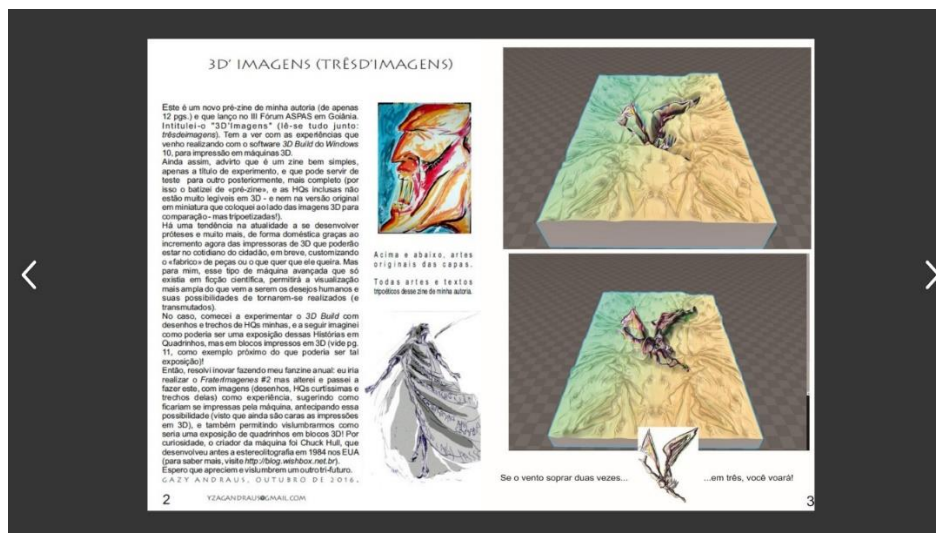
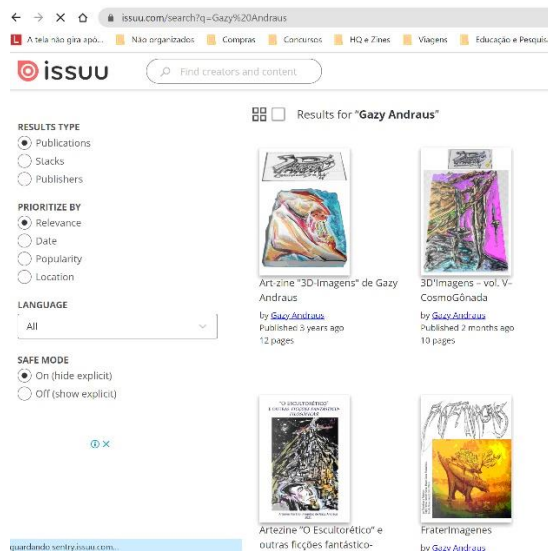
11. Art-zines, como são conhecidos no exterior.

12. A disciplina: Artzines: zines, fanzines e biograficzines como expressão criativa e artístico-autoral.

Gazy Andraus

(conforme eu já explanei no meu artigo publicado em ANDRAUS e MAGALHÃES, 2021).

Fig. 7 : Artezines de minha autoria no ISSUU.



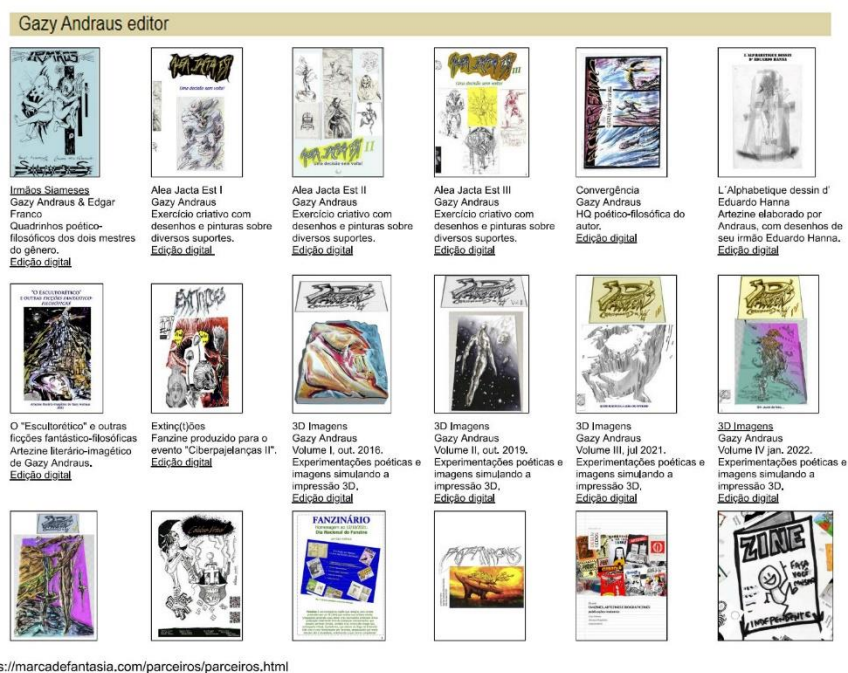
Fonte: <https://issuu.com/search?q=Gazy%20Andraus> e https://issuu.com/gazyandraus/docs/3d_imagens-zine-separadas-1-pp

Interessante alertar que na atualidade, tanto HQs como fanzines também existem na *internet* como leituras virtuais. Mas o fanzine de papel, por exemplo, pode ser a contraparte das redes sociais (como o são os *blogs*), e podem ir além ao permitirem que as expressividades artísticas possam ser publicadas pelos próprios autores, seja via papel, seja via *Internet* em plata-

Gazy Andraus

formas como *ISSUU*, que simulam leituras. Eu mesmo publico meus artezines nesta plataforma (ver em <https://issuu.com/search?q=Gazy%20Andraus> e/ou na fig. 7), e também disponibilizo-os em um *site* chamado *Marca de Fantasia*, ao qual sou parceiro (ver mais em <https://marcadefantasia.com/parceiros/parceiros.html> e/ou na fig.8).

Fig. 8 : Artezines de minha autoria (e/ou organização) como parceria no site Marca de fantasia.



Fonte: <https://marcadefantasia.com/parceiros/parceiros.html>

A didática HQZineira nas aulas

Durante o doutoramento, principiei a ministrar algumas aulas como experiência, e ao final, lecionei por quase 12 anos em um centro universitário de Guarulhos, especialmente nas áreas de desenho, histórias em quadrinhos e também utilizando o conhecimento correlatas, num curso de pós em docência no ensino superior na mesma instituição, que, tal qual o curso de artes, também coordenei¹³.

13. O Centro Universitário FIG-UNIMESP.

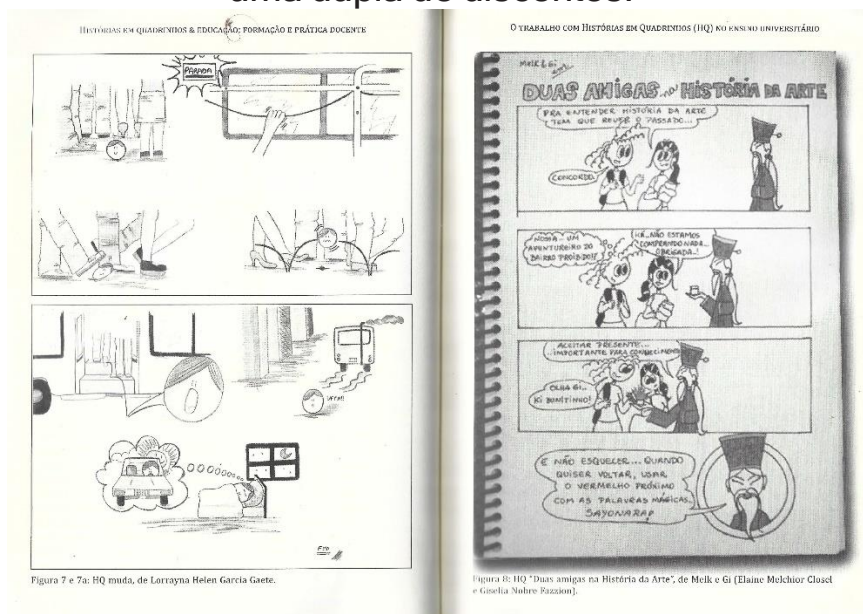
Gazy Andraus

A experiência com os quadrinhos como arte e com os fanzines fez-me levar uma didática aberta e ampla aos discentes de artes daquela instituição rendendo muitos resultados que iam desde os tradicionais quadrinhos, aos expandidos e flertavam com obras de artes próximas e similares da proto-animação e escultóricas.

Sempre tentei promover uma didática livre e instigante, com a consciência de destoar totalmente da minha experiência anterior como aluno escolar, e aparentemente eu tenha obtido certo êxito, pois conduzia uma relação tranqüila com os alunos, expondo, inclusive a eles que sua própria didática como futuros licenciados, poderia também ser melhor do que a que eu experimentara anteriormente tendo sido um aluno desgostoso com o ambiente escolar.

Em dois dos livros que participei sobre o uso dos quadrinhos, organizado por Elydio dos Santos Neto e sua esposa Marta Regina Paulo da Silva atestaram estas afirmações¹⁴ (veja **fig. 9**)

Fig. 9: Algumas resultantes da disciplina de quadrinhos, quando a apliquei na FIG-UNIMESP: à esquerda, HQ de uma das alunas e à direita outra HQ em formato de zine elaborada por uma dupla de discentes.



Fonte: ANDRAUS, 2011, pgs. 46 e 47.

14. Conforme pode-se verificar nas referências nos dois livros organizados por SANTOS NETO e SILVA, de 2011 e 2013.

Gazy Andraus

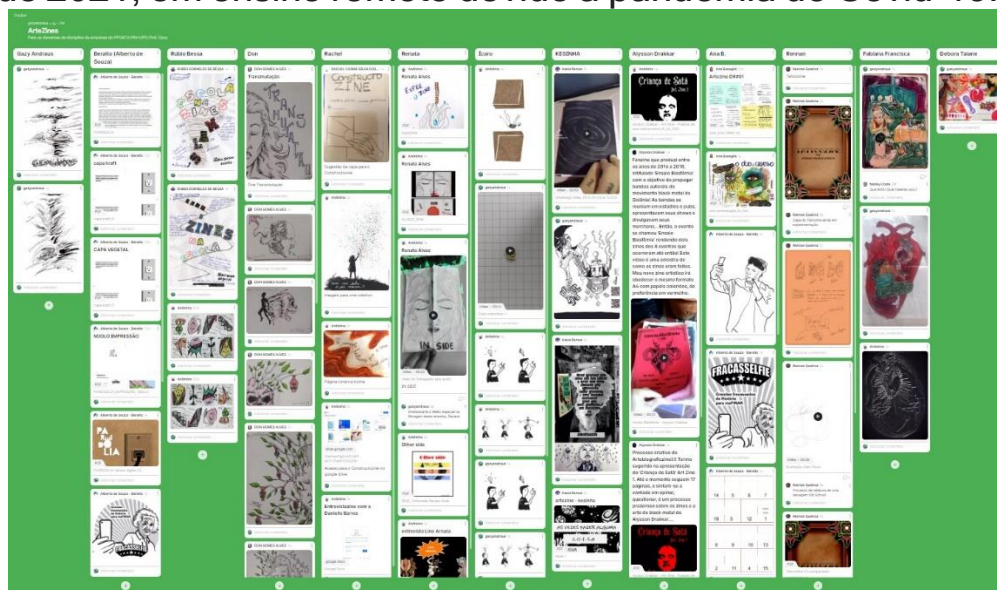
Outra experiência interessante foram os dois anos em que lecionei na UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais (entre 2017 e 2018), na área de Pedagogia, tendo também uma disciplina que incluía as artes. Para tal, desfilei as mídias artísticas existentes que os discentes poderiam utilizar, mas foquei nos quadrinhos, porém, mais ainda nos fanzines, especialmente quando pudemos experienciá-los no ensino da EJA. Ou seja, houve aporte teórico e prático aos alunos que também responderam a contento, conforme os diversos artigos e principalmente o capítulo do livro da UEMG em que participo expondo tal experiência (ver em ANDRAUS, 2020).

O concurso temporário permitia que eu lecionasse durante 2 anos, e assim, logo após ingressei no pós-doutoramento do PPGACV da FAV-UFG, como bolsista do PNPd-CAPES, o qual estou até agora. Nesta fase há a experiência não só como pesquisador de fanzines de arte (meu objeto principal da atual pesquisa), mas também como autor deles e também a possibilidade de trabalhar junto ao programa docente da pós daquela instituição, em que venho desenvolvendo e aplicando a disciplina pioneira de fanzines artísticos - “Artezines: zines, fanzines e biograficzines como expressão criativa e artístico-autoral” (fig. 10), ampliando o foco dos fanzines como partes integrantes da arte e manifestação cultural humanas, o que rendeu inclusive dois artigos e uma coorganização com Henrique Magalhães¹⁵ de um dos volumes da série de *e-books* da *Desenrêdos*, publicação pertencente ao PPGACV da FAV-UFG (vide os artigos e a publicação no *e-book Fanzines, artezines e biograficzines - publicações mutantes de Andraus e Magalhães* (2021)!

15. Pioneiro da pesquisa de fanzines no Brasil. Ver mais em Magalhães, 1993.

Gazy Andraus

Fig. 10: Atividades e zines artísticos de discentes de pós-graduação para a disciplina de Artezines, ministrada no 2º semestre de 2021, em ensino remoto devido à pandemia do Covid-19.



Fonte: <https://padlet.com/gazyandraus/ab3a9292qchim1cg>

Considerações Hqzineiras

Creio que minha narrativa aqui, enfatizando minha experiência pessoal artístico-acadêmica pode apontar para algumas questões interessantes, pertinentes à área da educação e das artes, ao que concerne principalmente aos objetos das histórias em quadrinhos e fanzines, mas não só, incluindo a experiência no didatismo ao aplicar os conceitos teórico-práticos atinentes a tais artes. Enumerá-las-ei, a seguir.

1ª – o ensino tradicional precisa ser mais instigante – como dizia Rubem Alves – e não apenas como um depósito bancário, como acusava Paulo Freire, dando ao alunado questões que façam-no pensar e refletir, mas de maneira criativa;

2ª – as artes podem e devem estar vinculadas nesse processo de didática escolar (e até universitária), utilizando-as em geral, mas também especificamente a mídia das histórias em quadrinhos e dos fanzines, as quais possibilitam com que o

Gazy Andraus

aluno se aperceba como autor e até “editor” de suas obras, que seriam materializações de seu potencial reflexivo a ser impulsionado pelo que me referi na 1ª questão - relativa à instigação. Do contrário, se se permanecer apenas no ensino tradicional reducionista cartesiano, corre-se o risco de tornar mais entediante e infrutífera a vida escolar de muitos alunos (tal qual aconteceu comigo, por exemplo, conforme relatei no início deste texto);

3ª - o ensino deve ser interdisciplinar (a partir da instigação mencionada anteriormente - e lacunosa no seio escolar), conforme eu afirmei, e portanto, pode se utilizar da miríade de opções que os zines e quadrinhos (ambos interdisciplinares) trazem!

Assim, finalizo esta narrativa pessoal-reflexiva à *Revista Profartes*, crendo que possa auxiliar a que outros artistas e/ou educadores possam ampliar suas possibilidades, tal como um “projeto de conhecimento vivo, consistente e consequente com a contemporaneidade brasileira”, e não só: com a contemporaneidade mundial, pois os anseios são os mesmos: liberdade criativa além dos substratos básicos para a vida essencial.

Gazy Andraus

REFERÊNCIAS

Bibliografia–HQZine

ANDRAUS, Gazy. A imagética na memória ou a estruturação da psique criativa infanto/juvenil por meio do panvisual. **Reflexão sobre imagem e Cultura**. Vol. 1. mai/jun. 2013. Suplemento do QI 121. Disponível em: <https://marcadedefantasia.com/revistas/ego/outras-edicoes/ric1-10/ric1/ric1.pdf>. Acesso em 12/06/2022.

ANDRAUS, Gazy. A independente escrita-imagética caótico-organizacional dos fanzines: para uma leitura/feitura autoral criativa e pluriforme. Trabalho apresentado ao Eixo 14 – Escritas, imagens e criação. **Caderno de resumos e Programação do Congresso de leitura do Brasil (17º COLE)**. Campinas, julho de 2009, p. 152. Dispon.: <<http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes-anteriores/anais17/cadernodeatividades.pdf>>. Acesso em 18/12/2018.

ANDRAUS, Gazy. **As Histórias em Quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário**. Tese de doutorado. USP: São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-13112008-182154/>>. Acesso em: 10/02/2019.

ANDRAUS, Gazy. “Cursos de HQ e Zine no PROVE”. **Revista PROVE – Projeto Valorização do Educador e Melhoria da Qualidade do Ensino**. Ano 11, n. 11. São Paulo: Publicação do Grupo de Escolas Municipais - EMEFs, Nov. 2012, p. 31-34.

ANDRAUS, Gazy. **Existe o Quadrinho no Vazio entre dois Quadrinhos? (ou: O Koan nas Histórias em Quadrinhos Autorais Adultas)**. Dissertação de Mestrado do curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Unesp. São Paulo, 1999. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/87003> > Acesso em: 10/06/2022.

Gazy Andraus

ANDRAUS, Gazy. História em Quadrinhos, Imagética e Infância. Seção História em Quadrinhos. In: **IBAC – Instituto brasileiro de arte e cultura**. 15/11/2006. Disponível em: <https://www.ibacbr.com.br/?dir=artigos&pag=013&opc=0013> . Acesso em 12/06/2022.

ANDRAUS, Gazy. Minhas experiências no ensino com os criativos fanzines de histórias em quadrinhos (e outros temas). In: **Histórias em Quadrinhos e Práticas Educativas: o trabalho com universos ficcionais e fanzines**. SANTOS NETO, Elydio dos; SILVA, Marta Regina Paulo da. (orgs.). São Paulo: Criativo, 2013, pp 82-93, ISBN: 978 85 8258 023 3. (capítulo de livro).

ANDRAUS, Gazy. **O Estatuto das Belas Artes nos Quadrinhos**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2019. Disponível em: <https://marcadefantasia.com/livros/quiosque/belas-artes-hq/belas-artes-hq.html>. Acesso em: 10/06/22.

ANDRAUS, Gazy. O Trabalho com histórias em quadrinhos no ensino universitário. In: **História em Quadrinhos e Educação: formação e prática docente**. In SANTOS NETO, Elydio dos; SILVA, Marta Regina Paulo da (orgs.). São Bernardo do Campo: UESP, 2011, pp 33-55, ISBN: 978 85 7814 178 3. (capítulo de livro)

ANDRAUS, Gazy. “ZINES e ARTEZINES: A ARTE DAS PUBLICAÇÕES PARATÓPICAS”, nos **Anais do 28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes - ANPAP** com o tema “Origens”. Goiânia: Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), 2019. ISSN: 2175-8212. Comitê CPA (Poéticas Artísticas) p.2305-2322. Link direto: Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontroANDRAUS_Gazy_2305-2322.pdf Acesso em 10/04/2020

ANDRAUS, Gazy. “PROJETO FANZINEJA”- Um Projeto de Extensão dentro da disciplina EJA no Curso de Pedagogia de Campanha/

Gazy Andraus

MG”. capítulo do livro: **Atuação docente em espaços públicos extraescolares de aprendizagem: experiências pedagógicas no trato da pluralidade cultural nos cursos de História e Pedagogia (UEMG Campanha)**. Orgs.: CARVALHO, Márcio Eurélio Rios de; ALVES, Vânia Maria Siqueira; PEREIRA, Joana Beatriz Barros. Belo Horizonte: EdUEMG, 2020. p. 44-59. Livro eletrônico. Disponível em: https://editora.uemg.br/images/livros-pdf/catalogo-2020/Atuacao_docente/2020_atuacao_docente_cap3.pdf. Acesso em: 10/06/22.

ANDRAUS, Gazy e MAGALHÃES, Henrique. **Fanzines, arte-zines e biograficzines – publicações mutantes** (orgs.). Série Desenredos, nº14. e-book. Goiânia: FAV-UFG, 2021. Disponível em: <https://culturavisual.fav.ufg.br/p/6214-colecao-desenredos>, Direto: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/459/o/Desenredos_14.pdf. Acesso em 10/07/21.

ANDRAUS, Gazy; SANTOS NETO, Elydio dos. Dos Zines aos BiograficZines: compartilhar narrativas de vida e formação com imagens, criatividade e autoria. In MUNIZ, Cellina (org.). **FANZINES – Autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza/CE: Editora UFC, 2010.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GaZine. Gazy Andraus. Canal no youtube sobre fanzines, zines, biograficzines, art-zines, na arte e na educação. 2020-21. Disponível em: <http://tesegazy.blogspot.com/p/gazine.html>

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. Ed. Brasiliense: São Paulo, 1993.

RAMOS, Paulo. **A Leitura dos Quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.